REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 800

20 DE MARÇO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

MARQUEZ DE SOVERAL

CHRONICA OCCIDENTAL

O decreto sobre as congregações religiosas e os boatos de crise, as barulhadas na rua e os nomes indigitados para ministros, foram sem duvida os mais importantes assumptos dos ultimos dias decorridos.

O céo não parece ter querido proteger os enthusiastas do marquez de Pombal e Aguiar e umas boas cargas d'agua afastaram mais depressa do Rocio os numerosos grupos de exaltados do que, nas vesperas, o haviam conseguido as cargas do chanfalho policial. Aos boatos de crise politica foi succedendo o mesmo. Dispersaram.

Um dia d'estes, grupos e boatos voltarão a formar-se no Rocio de noite e na Arcada de manhã.

Dizem alguns que os dois assumptos se ligam intimamente; outros, porém, affirmam que o ministerio se vê em crise por motivo das reclamações dos credores estrangeiros.

O aspecto da cidade nem por isso se transtornou. A' noite, ha quem não goste de atrever-se pelo Rocio, com medo d'alguma que venha fóra da baralha, como aconteceu ao nosso collega Bruschy, da *Nação*, que decerto não estava soltando gritos nem contra os jesuitas, nem a favor da liberdade; mas, nas tardes bonitas, as mulheres bonitas saem contentes para a rua e passeiam alegres, dando com a sua primavera á primavera a mais linda das notas.

Já nas arvores se esfuma um tom verde muito ao de leve; as olaias côr de vinho riem ao sol, e já, até depois do sol posto, no grande ulmeiro do Rocio, os pardaes chilreiam com muito maior contentamento.

Chega o sol, vão-se as estrellas. A derradeira a brilhar foi Bellincioni na *Tosca*. Com mais meia duzia de recitas fechou S. Carlos.

Entretanto teremos para muito breve uma novidade: nem mais nem menos do que a abertura d'uma nova sala de espectaculos, — o theatro dos petizes na Avenida. Eduardo Schwalbach encarregou-se da peça de abertura e conseguiu fazer uma obrasinha, que ha de ser adorada por todas as creanças: *A Historia da Carochinha*. Tudo petizes a representarem, theatro todo illuminado a luz electrica, elegantemente decorado, scenario maravilhoso, guarda-roupa deslumbrante, e tudo o mais com todos os epithetos do costume, só com uma differença: d'esta vez é certo.

O novo theatro dará dois ou tres espectaculos por dia, sendo o primeiro á tarde. De verão, a luz electrica permittirá que a temperatura seja pouco elevada. E depois... as crianças divertidas nunca teem frio nem calor.

Fim de inverno. Já pelas esquinas se annunciam as primeiras cinco toiradas e se faz alarde dos grandes matadores que virão visitar-nos. Queira o sol, e teremos uma explendida inauguração. Queira o sol e queiram os toiros, que para isso não costumam ser consultados e que nos ultimos annos teem demonstrado para a brincadeira em que os mettem uma falta de gosto singular.

Ah! curros que foram!... Era tal a fama que d'antes tinham os toiros da Peninsula que, segundo o auctor do *Quo Vadis*, era a Hespanha que os imperadores romanos os mandavam buscar para os seus espectaculos no Circo. Mas em Hespanha parece tambem que os toiros vão soffrendo d'essa mesma pecha de mansidão. A pega de cara feita pelo athleta, na presença de Nero, para salvar Lygia, e que o Brazão no *Petronio* tão bem descreve, não tinha valor nenhum se tivesse sahido á praça, em vez do toiro que lá se diz, um d'estes que nós sabemos.

Os bichos vão-se, pouco a pouco, civilisando. Os bois fizeram gréve para não marrarem com grande gaudio da Sociedade Protectora dos Animaes, que, ha muito anda, em Portugal e Hespanha, fazendo esforços para acabar com esse espectaculo classificado por ella como o mais barbaro dos existentes. Fizeram-lhe os bois a vontade.

Entretanto a feira de Sevilha e as extraordinarias festas da Semana Santa e Paschoa já andam por ahi faladas e os comboios como nos annos passados irão a trasbordar. Claro é que um dos numeros do programma mais attrahente é o das reclamadissimas toiradas.

O inverno diz adeus; mas o numero final é de estrondo, não lhe faltando o zabumba e mais instrumentos de pancadaria, representados na orchestra da natureza por uma boa meia duzia de trovões.

Na alta roda de Lisboa o inverno despediu-se com o esplendido baile realisado nas salas da legação de Allemanha. O minuete dançado por meia duzia de pares vestidos á moda do seculo passado foi applaudidissimo, sendo tres vezes repetido.

Foi a ultima grande festa do high-life. A primeira andorinha já veio dar o signal para que terminem os divertimentos das longas noites. O campo começa a encantar os olhos. Já os dias são eguaes as noites; já os noctivagos distrahidos, ao metterem o trinco na fechadura, vêem o oriente embranquiçado; já o crepusculo da tarde se prolonga para muito além das seis horas.

Vamos entrar na semana santa, que é um dos marcos mais notaveis do anno. Sabbado de alleluia, com toda a sua alegria, é o principio d'uma nova estação. Entram em scena as flores e os passaros. A primavera é comnosco.

Tanta mudança no céo e na terra, e os homens sempre o mesmo!

Não ha melhoras para elles. Correndo o summario dos telegrammas estrangeiros, não lemos senão noticias tetricas de guerras que continuam,

d'outras provaveis ou possiveis. Não acabam os combates no Transvaal, complicam se os negocios na China. A muito poderosa Inglaterra vão-se-lhe enfraquecendo os musculos com que promettia vencer a todos. Ainda se não sabe como terminará a lucta já tão demorada no Transvaal, quando lhe surgem complicações com a Russia a proposito dos caminhos de ferro no extremo oriente.

E já todas estas noticias são lidas com certa indifferença. O seculo XIX, mau grado seu pomposo cognome, foi-nos costumando a esperar quanto seja trevas e tristezas. A salvação esperam-a dos progressos da sciencia e só d'ella temos humanamente a esperar. Pena é que tantos esforços scientificos tenham apenas sido applicados á arte de matar e que se faça misterio até dos mais fortes explosivos, que tantas e tão excellentes applicações poderiam ter na mechanica, fóra dos engenhos de guerra.

Por um lado todo o progresso nos instrumentos de dar cabo da vida, todo o favorecimento aos differentes meios de propagar a morte; por outro o estudo constante para addiar a velhice e prolongar a vida humana. Veja-se a estatistica dos inutilisados na guerra da Africa do Sul. Quantos inglezes foram mortos pelas balas dos b-ers, quantos falleceram de doença nos hospitaes, quantos repatriados por ferimentos ou infecções! E entretanto, desde as grandes descobertas de Pasteur, a vida humana augmentou consideravelmente; a cirurgia progrediu por fórma maravilhosa, consentindo operações que, ha quinze ou vinte an nos, os mais notaveis medicos não sonhariam aconselhar. Esta é que deveras é uma lucta de gigantes, como nos antigos romances fantasticos. A fada boa d'um lado, o feiticeiro negro do outro. Muita chalaça á mistura, uma parte comica consideravel, dão de vez em quando á peça um ar de magica do Garrido. Tambem não é mau distrahir.

A caricatura toma devida conta dos factos notaveis da politica, e entre desgraças, mortos e feridos, vae dando a sua gargalhada e fazendo seu commentario. Os jornaes francezes, allemães, russos, teem publicado milhões de caricaturas a proposito dos vencedores inglezes. Entre nós tambem Raphael Bordallo os não tem esquecido. Uma das suas ultimas paginas da *Parodia*, o Kruger de coruja, ficará celebre entre todas.

Que diabo! Se a gente não rir um bocado, que nos fica sendo a vida? Quem atura hoje uma tragedia, por lindos versos que tenha, se um só d'elles, pelo menos, não fôr capaz de nos descerrar os labios?

E é exactamente no meio do lucto, que a vontade de rir mais aperta. Vejam quantas historias nos antigos nojos, de janellas todas fechadas, e os donos da casa ao canto da sala embrulhados no capote de camelão. Não havia nojo d'esses que não desse anecdotas para contar. As graças funebres enchiam um diccionario de Larousse.

— O sr. Fulano está em casa?

— Xim, xenhor, responde o gallego que veiu abrir a porta. Mas agora parexe-me que num lhe póde fallar.

— Porque?

— Porque fallexeu.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO CONSELHEIRO D'ESTADO
MARQUEZ DE SOVERAL

É hoje um dos nomes mais em evidencia na politica portugueza. Nosso ministro em Londres, desde que deixou de exercer este logar o conselheiro Barjona de Freitas, que para elle fôra nomeado depois do grave conflicto de 1890, as relações de amizade que entre as duas nações se foram desde então estreitando, são na sua maior parte devidas ao zelo e intelligencia do illustre diplomata e ás muitas sympathias de que gosa em Londres e em muitas côrtes da Europa.

Natural de S. João da Pesqueira, depois de ter feito seus preparatorios e frequentado, como aspirante de marinha, algumas cadeiras da Polytechnica do Porto, Luiz Pinto de Soveral partiu para a Belgica onde fez com distincção o curso de sciencias politicas e administrativas. Voltando a Portugal, fez concurso para segundo secretario e, entrando na carreira diplomatica, serviu nas legações de Madrid, Berlim e Vienna d'Austria. Foi para Lon dres como primeiro secretario e, depois de haver sido encarregado de negocios, logar em que demonstrou suas extraordinarias qualidades, foi finalmente nomeado ministro, com applauso unanime, embora em embaraçosas circumstancias.

Quando da penultima passagem dos regeneradores pelo poder, foi chamado para se encarregar da pasta dos extrangeiros e fel-o com o bom senso de que tem dado constantes provas na sua já longa carreira.

Tendo o ministerio pedido a demissão, Luiz de Soveral voltou, passado pouco tempo, novamente para Londres, onde foi recebido com carinhoso acolhimento, pois que ahi conta numerosos amigos na maior altura social.

Foi-lhe, ha poucos mezes, por seus relevantissimos serviços, concedido o titulo de marquez e agora, para a vaga que se deu no Conselho de Estado, foi seu nome preferido, com geral applauso.

O marquez de Soveral tem recebido de muitos governos europeus as mais distinctas provas de consideração. Portugal não podia mostrar-se ingrato para com esse homem, que, honrado como poucos, tem sempre honrado a terra em que nasceu e que tanto estremece.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

É opportuno, cremos, esboçar, posto que rapidamente, os fundamentos da sociedade, cujo inicio não foi isento de difficuldades e de obstaculos suggeridos, de despeitos, mal reprimidos, de descrenças manifestas, de insinuações malevolas e até capciosas.

Foram seus iniciadores e fundadores os advogados José da Cunha Sampaio e Avelino da Silva Guimarães o proprietario Domingos Leite de Castro, o medico-cirurgião Avelino Germano da Costa Freitas e o negociante Domingos Ferreira Junior, o primeiro fallecido em 15 de setembro de 1900, e o ultimo em maio de 1887, dedicados e assiduos trabalhadores, que com enorme coragem e abnegação, souberam vencer e triumphar d'entre tantas contrariedades que pretendiam embaraçar o caminho para a realisação de tão grande plano altruista.

Uma das primeiras difficuldades apresentou-se logo que trataram de escolher nome para a sociedade, pois difficilmente venceram os promotores, a relutancia por parte do hoje fallecido dr. Martins Sarmento em dar o seu nome, relutancia essa que plenamente acha justificação, conhecendo-se o caracter recto e modestissimo de Martins Sarmento.

Teve logar a primeira reunião preparatoria n'uma das salas da *Assembléa Vimarense*, em 20 de novembro de 1881.

Os estatutos foram approvados em 7 de janeiro de 1882, sendo na reunião d'assembléa geral a 29 do mesmo mez eleita a primeira direcção e acclamado unanimemente socio honorario o dr. Martins Sarmento, manifestando-se publicamente e perpetuando por uma forma duradoira a alta consideração em que os seus conterraneos tinham o seu nome, intelligencia e impoluto caracter.

Desde esse dia a direcção presidida por José da Cunha Sampaio não descurou da tarefa que lhe havia sido confiada, e começou submettendo á apreciação de seus consocios, diversas propostas tendentes a regularisar a marcha dos trabalhos da sociedade, entre as quaes foi approvada uma do sr. Avelino da Silva Guimarães para creação d'uma bibliotheca popular e publica, que a breve trecho possuia uma collecção de 10:000 volumes entre livros, folhetos, manuscriptos, etc.

Domingos Leite de Castro que, na qualidade de director, se encarregou da organisação da bibliotheca, coadjuvado por Alberto Sampaio, poude não sem difficuldade realisar a sua inauguração a 9 de março de 1883, anniversario natalicio do dr. Martins Sarmento.

Hoje progredindo, conta essa bibliotheca uma preciosa collecção que excede a cifra de 33:000 volumes.

N'esse mesmo anno foi aberto á matricula o curso de desenho regido pelo professor Antonio Cardoso, no seguinte o curso de francez por João Pinto Queiroz, ambos cursos nocturnos.

Foi tambem votado e approvado o regulamento escolar, sob proposta do sr. dr. Joaquim José de Meira que se reportou aos congeneres de Luxemburgo e Saxe.

Tendo a camara municipal subsidiado pecuniariamente a compra de mobilia, utensilios escolares e ainda o vencimento do pessoal menor, foram por Francisco Sarmento, Conde de Margaride e professores, estabelecidos de seu bolso, premios pecuniarios para os alumnos mais distinctos, incitando assim a frequencia á escola e aproveitamento.

Encetou-se a publicação da *Revista de Guimarães*, boletim da sociedade que entrou regularmente em edicção, sendo manifesto o estado de adiantamento a que chegou e accentuando dia a dia a sua importancia, valor e utilidade pratica, com justo aprazimento dos seus instituidores e de Martins Sarmento que inteiramente se lhe dedicou.

Nos fins de 1887 installou-se definitivamente a sociedade no edificio onde hoje está, uma parte do antigo convento de S. Domingos que lhe foi cedido por decreto de 12 de junho de 1888.

No 1.º de janeiro d'este anno foi franqueada e aberta ao publico a bibliotheca, a 9 de março de 1895 foi inaugurado o museu archeologico e de numismatica e em egual dia de 1900 foi organisado o museu industrial que occupa uma parte do pavimento superior do antigo claustro.

Reconhecendo a direcção da sociedade a absoluta necessidade d'alargar a sua installação, pois já de per si se encontra acanhada, e para poder proceder-se a outras installações em prespectiva, foi encarregado o distincto architecto portuense o sr. José Marques da Silva da elaboração d'um projecto, cuja copia publicamos.

Sendo a sociedade de molde a perpetuar o avanço das lettras modernas, sciencias e artes, arrancou o distincto architecto, da arte Romano-bysantina os traços geraes architectonicos para a sua obra, decoração e embelezamento, pondo por esta fórma perfeitamente compativel a edificação com o fim a que é destinada, pois no presente seculo já pela pureza das suas linhas e traços geraes, já pelo sentimento e belleza artistica da sua structura tão distincta e tão originalmente sua, a arte romana occupa o primeiro logar, podendo affoitamente dizer-se que vencerá todos os estylos, pela escolha e preferencia que está tendo em edificações em que seja preciso juntar o grandioso nas fórmas ao belo na ornamentação.

A. Silva.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1888-1890

Os administradores da empreza do fallecido Campos Valdez. — Embaraços na administração. — Fuschini Machado e Mattos. — Companhia lyrica de opera e baile. — Operas que subiram á scena. — Recitas extraordinarias de Van Zandt. — Elevação de preços. — Exito inferior que tiveram n'esta epocha. — Como Van-Zandt não estava sempre em posse dos seus recursos artisticos. — O abuso das bebidas alcoolicas. — Morte do rei D. Luiz I. — Acclamação de D. Carlos I. — Preferencia dos assignantes das recitas de Van-Zandt para as recitas de gala no theatro de S. Carlos. — Pendencia de Portugal com a Inglaterra. — O ultimatum de lord Salisbury. — Queda do ministerio progressista. — Tumultos no paiz. — Manifestações contra os inglezes. — Muita paspalhice com pretexto de patriotismo. — Subscripções para a defeza nacional. — O patriotismo pouco generoso. — A marcha *Portugueza* de Keil. — Abuso de alguns espectadores exigindo a execução da *Portugueza*. — Concerto em S. Carlos em beneficio da defeza nacional. — *Patria*, cantata de Keil. — Opera nova em S. Carlos. — *Stella del Nord*, de Meyerbeer. — *Barbiere de Siviglia*, de Rossini, desempenhado por mulheres. — Artistas mais notaveis d'esta epocha. — Van-Zandt. — Tetrazzini. — Pasqua. — Brogi. — Menotti. — Bulicioff. — Arambui o. — Antonio Andrade. — A cantora portugueza Maria Judice da Costa. — Concertos classicos no salão de S. Carlos. — Banquete no salão de S. Carlos aos exploradores Serpa Pinto, Paiva d'Andrada, Cardoso e Victor Cordon. — Inauguração do novo Colyseu dos Recreios.

A morte de Campos Valdez, e o precario estado em que deixou a administração e as finanças do theatro e da sua casa particular, deixando viuva com filhos menores, trouxe certo abalo á empreza que ficou acephala, pois Valdez não tinha socio algum, de modo que se por um lado os seus herdeiros tinham direitos a todas as suas acções, e portanto ao contracto que lhe fôra adjudicado, por outro lado o governo não reconhecia na concessão feita outro emprezario senão Valdez, tendo ainda que intervir no inventario e na administração a justiça, por ser inventario orphanologico, por haver filhos menores. Por fim removidas as principaes difficuldades, foi considerada como existindo ainda juridicamente a empreza Valdez, prestando-se alguns crédores e amigos da familia a colocarem-se gratuitamente á testa da administração; ficando como administradores especiaes Augusto Fuschini, e o maestro Augusto Machado director technico.

O elenco da companhia lyrica da epocha de

1889 1890, continha os nomes dos seguintes artistas:

Damas: Maria Van-Zandt, Eva Tetrazzini, Nadine Bulicioff, Giuseppina Pasqua, Emilia Corsi, Emma Cisterna (comprimaria), Maria Judice da Costa (meio soprano), Elisa Mattiucci (contralto), Gazull (comprimaria), Maillard (segunda).

Tenores: Augusto Brogi, Antonio Aramburo, Antonio Andrade, Oreste Emiliani, Caetano Ortisi, Ottavio Nouvelli, Giovanni Paroli, Michele Durini (comprimario).

Barytonos: Delfino Menotti, Antonio Magini Coletti, Giovanni Soldá (comprimario), Caracciolo (buffo), Ghidotti (segundo).

Baixos: Remo Ercolani, Ettore Borucchia.

Choreographo: Conti.

Bailarinas: Righetti, Agostini.

Maestros: Cleofonte Campanini, Arturo Pontecchi.

As operas que subiram á scena foram as seguintes:

Mefistofele, de Boito, em 28 de outubro de 1889, por Nadine Bulicioff, Elisa Mattiucci, Augusto Brogi (e depois Ortisi), Remo Ercolani, Giovanni Paroli.

La Favorita, de Donizetti, em 30 de outubro, por Giuseppina Pasqua, Gazull, Antonio Aramburo, Durini, Coletti.

Rigoletto, de Verdi, em 3 de novembro, por Emilia Corsi, Mattiucci, Gazull, Maillard, Antonio Andrade (e depois Aramburo, e depois Emiliani), Delfino Menotti, Borucchia, Durini, Soldá, Ghidotti, Foresti.

Il Trovatore, de Verdi, em 5 de novembro, por Bulicioff, Pasqua, Gazull, Aramburo, Coletti, Borucchia, Durini, Ghidotti.

L'Africana, de Meyerbeer, em 14 de novembro, por Bulicioff, Corsi, Gazull, Brogi, Paroli, Durini, Menotti, Ercolani, Borucchia, Soldá, Ghidotti.

Roberto il diavolo, de Meyerbeer, em 26 de novembro, por Bulicioff, Emma Cisterna (e depois Corsi e depois Gazull), Ortisi, Paroli, Durini, Ercolani, Ghidotti.

Otello, de Verdi, em 29 de novembro, por Tetrazzini, Mattiucci, Brogi, Paroli, Durini, Menotti, Borucchia, Soldá, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 4 de dezembro, por Bulicioff, Pasqua, Ortisi, Coletti, Borucchia, Soldá, Durini.

Gioconda, de Ponchielli, em 10 de dezembro, por Tetrazzini, Pasqua, Mattiucci, (e depois Judice da Costa), Emiliani, Menotti, Borucchia, Soldá, Durini, Ghidotti.

Stella del nord, de Meyerbeer em 4 de janeiro de 1890, por Corsi, (e depois Van-Zandt) Cisterna, Mattiucci, Gazull, Emiliani, Paroli, Durini, Ercolani, Caracciolo, Soldá, Ghidotti.

Lakmé, de Léo Delisbes, em 12 de janeiro, por Van-Zandt, Mattiucci, Emiliani, Coletti, Durini, Borucchia.

Mignon, d'Ambroise Thomas, em 15 de janeiro, por Van-Zandt, Corsi, Gazull, Emiliani, Ercolani, Caracciolo, Soldá, Ghidotti.

Il Profeta, de Meyerbeer, em 18 de janeiro, por Pasqua, Tetrazzini, Brogi, Paroli, Ercolani, Coletti, Borucchia, Durini, Ghidotti.

Hamlet, d'Ambroise Thomas, em 28 de janeiro, por Van-Zandt, Pasqua, Menotti, Ercolani, Borucchia, Durini, Soldá, Ghidotti.

Dinorah, de Meyerbeer, em 1 de fevereiro, por Van-Zandt, Mattiucci, Gazull, Durini, Coletti, Borucchia.

Il Re di Lahore, de Massenet, em 8 de fevereiro, por Bulicioff, Maria Judice da Costa, Ortisi, Coletti, Borucchia, Ghidotti.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 15 de fevereiro, por Corsi, Gazull, Tetrazzini, (de Alma Viva) Mattiucci (D. Bartolo), Bulicioff (D. Basilio), Cisterna (Fiorello), Judice (cabo da patrulha), Coletti.

Lohengrin, de Wagner, em 14 de março, por Tetrazzini, Pasqua, Brogi, Coletti, Ercolani, Borucchia.

Carmen, de Bizet, em 24 de março, por Bulicioff, Corsi, Judice, Gazull, Ottavio Nouvelli, Paroli, Coletti, Borucchia, Soldá, Durini.

Em 16 de fevereiro de 1890 foi á scena um baile carnavalesco, de Conti, por Righetti, Agostini, e corpo de baile.

Houve n'esta epocha recitas extraordinarias em que cantou Maria Van-Zandt, com elevação de preços como na epocha anterior; as pessoas que assignassem para estas recitas, tinham preferencia para obterem logares para as recitas de gala, que deveriam dar-se, por occasião da abertura das côrtes, e da acclamação de El-Rei D. Carlos I que havia subido ao throno de Portugal, por fallecimento do rei D. Luiz I, seu pae, em 19 de outubro de 1889.

As recitas extraordinarias da Van-Zandt foram as seguintes:

1.ª em 12 de janeiro de 1890, opera *Lakmé*.
2.ª » 15 » » » » » *Mignon*.
3.ª » 21 » » » » » *Mignon*.
4.ª » 28 » » » » » *Hamlet*.
5.ª » 1 » fevereiro » » » *Dinorah*.
6.ª » 3 » » » » » *Lakmé*.
7.ª » 17 » » » » » *Hamlet*.
8.ª » 24 » » » » » *Stella del Nord*.
9.ª » 1 » março » » » *Dinorah*; cantou Van-Zandt a canção *Misoli*, da opera *Perle du Brésil*, de Félicien David. Houve tambem bailados da opera *Re di Lahore*.

10.ª em 6 de março; deu-se o 2.º acto da opera *Mignon*, 2.º da *Dinorah* e 3.º do *Fausto* por Van-Zandt, Mattiucci, Gazull, Ortisi e Ercolani; bailados do *Re di Lahore*.

Cantou tambem Van Zandt, em duas recitas de assignatura ordinaria; em 20 de fevereiro, para os assignantes das recitas pares a opera *Mignon*, em 3 de março para os das recitas impares a opera *Lakmé*.

O exito da Van-Zandt foi n'esta epocha muito inferior ao que tinha obtido no anno anterior. A cantora achava-se em condições menos vantajosas physicas e artisticas; voz mais fraca, menos correcção, menos acção, mais magra, menos interessante; ás vezes, até parecia esquecer-se em scena do que devia cantar ou representar, o que era attribuido a ter-se excedido com bebidas alcoolicas, o que não era a primeira vez que se dizia. Os espectaculos tambem foram pouco cuidados; em uma das recitas da *Dinorah*, em 1 de fevereiro de 1890, o publico rompeu em pateada e charivari infernal contra o tenor comprimario Durini, a quem haviam encarregado de um papel acima das suas forças e cathegoria; o espectaculo foi interrompido; e a empreza mandou declarar que os espectadores que não estivessem satisfeitos fossem receber o seu dinheiro; continuando depois o espectaculo em socego.

Foi em janeiro de 1890, que se aggravaram as relações diplomaticas entre Portugal e Inglaterra, tendo a 11 d'aquelle mez o conde de Salisbury, ministro dos negocios estrangeiros da Grã-Bretanha, enviado ao governo portuguez um ultimatum, exigindo a immediata evacuação pelos portuguezes de certos territorios na provincia de Moçambique; o governo progressista, que então estava no poder, cedeu, e pediu a sua demissão que foi aceite pelo novo rei, que debutava tão tristemente no seu reinado; a queda do ministerio foi acompanhada de tumultos em Lisboa, produzindo-se uma irritação e effervescencia popular, em grande parte ficticia e especulativa, aproveitada por politicos monarchicos e republicanos, e desenvolvendo-se por toda a parte, no paiz, manifestações contra a Inglaterra, entre as quaes se notaram muitos disparates, inconveniencias e charlatanismo, que se prolongaram até á conclusão do novo tratado feito em 20 de agosto do mesmo anno com a Inglaterra, tratado mal acolhido, e que fez cair o ministerio regenerador que havia succedido ao progressista.

Entre outras manifestações contra a Inglaterra houve uma caricata e contraproducente; muitos logistas fecharam as lojas! muito haviam de sentir os orgulhosos, e praticos, habitantes da *perfida Albion*, que os logistas portuguezes fechassem as lojas e não vendessem!

Tornou-se então moda, por algum tempo, chamar *piratas* ás libras inglezas, moeda corrente em Portugal, para, poucos annos depois, cruel ironia para o nosso paiz, passarem a ter grande agio, com a depreciação das notas do Banco, pelo aggravamento dos cambios!

Não faltaram subscripções populares, subscripções entre o bello sexo, subscripção dos funccionarios para um fundo de defeza nacional, e beneficios, concertos etc., a favor d'essas subscripções; mas a totalidade d'essas subscripções não foi grande, e o paiz apenas lucrou fazer acquisição de alguns, poucos, navios para a sua marinha de guerra.

Por esta occasião o maestro Keil escreveu uma marcha, que denominou *Portugueza*, com letra de Lopes de Mendonça, que começou a tocar se por toda a parte, nas bandas, nas philarmonicas, nos concertos, nos theatros, nos circos, etc.; abusando frequentemente uma parte do publico, obrigando a repetir a *Portugueza* muitas vezes, estando todos os espectadores de pé, sob pena dos recalcitrantes serem alcunhados de *inglezes*!

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(OPERARIOS)

Assistimos presentemente a um dos mais graves debates no modo de ser das sociedades contemporaneas — a questão do operariado.

Quanto a mim existe realmente naquella classe um direito de reclamações contra todas as prepotencias, mas tambem um espirito de rebellião, que parece seduzil-a e leval-a á pratica d'actos censuraveis, de que as familias de seus membros são sempre as primeiras e innocentes victimas.

Merecem meditação profunda as palavras seguintes, pronunciadas em Napoles pelo padre Agostinho de Montefeltro. «Oh! que consolação para o operario o encontrar presentemente alguem que o ame, que se interesse deveras pelo seu futuro e pelo seu bem estar presente. Infelizmente, atraz d'estes corações generosos, estão mil inimigos que o opprimem, que o seduzem e atraiçoam. Entre estes acham-se pela maior parte os industriaes materialistas, que consideram o pobre operario como uma machica, da qual procuram tirar a maior utilidade possivel. Quando o operario tem dado todo o seu sangue, as suas melhores forças a um trabalho sem treguas, penoso, dissolvente, os patrões põem-no de parte, como um engenho gasto, sem utilidade para coisa alguma».

Effectivamente, não encerram exagero algum os periodos que acabo de transcrever; numerosos exemplos da vida quotidiana poderia invocar agora em meu auxilio e de confirmação ás phrases citadas, prefiro porém accentuar o meu pensamento sem ferir susceptibilidades.

Queixam-se os operarios dos abusos dos patrões; a seu turno dizem estes não terem aquelles razões solidas em que possam fundar-se, e, ao contrario, vêem má vontade nos que trabalham, faltas de respeito praticadas continuamente, o que se converte na bocca dos segundos em artigo violento de accusação, mas ao menos fundada em factos.

Ha em tudo isto uma verdade perfeitamente authentica: é que a maioria dos patrões consideram o operario como simples machina, entendendo poder espolial-o de todas as maneiras e feitios.

Conheci certo gerente, ao mesmo tempo merceeiro, que tratava bruscamente todos os operarios por elle dirigidos, não freguezes do seu estabelecimento, accrescendo ainda que fornecia por mais alto preço todos os artigos de primeira necessidade.

Quasi todos se sugeitavam a semelhante desaforo, attendendo á falta d'outa collocação profissional se se despedissem, e não reclamavam, visto o alludido gerente ser socio na casa e o respectivo pagador da feria.

Nestas circumstancias, estou convencido de que ha não só centos, mas até milhares de individuos.

Soffrem resignados e calam a sós estes attentados de lesa humanidade, que ficam impunes e animam a maiores ousadias os seus sordidos verdugos.

Escrever o que acaba de ler-se não significa que eu desculpo quaesquer desmandos por operarios exaltados; o que para mim, todavia, é ponto de fé é que não ha fumo sem fogo.

O mundo offerece ao pensador, na questão momentosa do operariado e dos patrões, um problema de solução difficil e digna em sua essencia do estudo mais profundo.

Não se trata já de harmonisar, como na Roma da antiguidade, patricios e plebeus; não se pretende tão pouco reivindicar para o simples trabalhador os direitos de homem livre, plenamente consagrados ha quasi 20 seculos pelo sacrificio do Calvario; o que hoje constitue necessidade reconhecida é definir as posições respectivas, de modo a evitar d'um lado o abuso do capital e a conter do outro o proletario na esphera do justo.

É mister a intervenção dos governos constituidos, para os quaes todas as anomalias sociaes formam realmente fócos latentes de desorganisação e de anarchia.

O estadista da actualidade tem a missão imperiosa de perscrutar a sociedade em que vive, para depois, quando a sua solicitude fôr pedida, applicar com consciencia as medidas praticas e opportunas sugeridas pela observação escrupulosa dos factos e das cousas.

Não basta fazer um exame, embora minucioso, das legislações estranhas, nem mesmo levar a effeito viagens de instrucção cujo, alvo especial seja a visita de estabelecimentos scientificos, fabricas, terrenos agricolas, numa palavra, de todos os logares de funccionamento em que se acha patente á vista commum o resultado de todas as

cogitações do espirito, pelo valor das theorias e da salutar utilidade, quando postas em acção; é preferivel a tudo isto conhecer antes o meio que nos cerca, unico que poderá mais tarde habilitar á escolha proveitosa dos melhores processos capazes de modificar e até de transformar as situações.

As condições do operario, as circumstancias do patrão, a indole d'aquelle, o caracter d'este, o grau de desenvolvimento physico e intellectual do primeiro a aptidão do segundo; sem que se possuam de modo preciso todos estes elementos de são juizo, permanece-se em sua casa na ignorancia completa do que lhe diz respeito, e com todo o saber que vae lá fóra apenas se conseguirá qualquer palliativo fraco e passageiro.

Nem os operarios lograrão jámais, isolados, impôr a lei aos patrões, nem estes, só obedecendo á propria vontade e ambição, cumprirão nunca as promessas feitas áquelles!

Crear e manter o equilibrio entre uns e outros é tarefa accommodada aos governos, que demanda criterio apurado, intelligencia segura e consumada experiencia.

Urge accentuar na mente do operario que elle não tem o direito de permanecer sem a acquiescencia do patrão em seu serviço; que lhe assiste sim o direito de representação, sem ser por isso auctorisado a dispor, com falta de respeito, da vontade e da casa alheia; e que póde, por ultimo, reclamar dos poderes publicos a protecção de que legalmente careça.

O patrão, porque é um homem e não mais que homem, deve aos seus operarios eguaes attenções e respeitos aos que d'elles exige para comsigo, impendendo ainda sobre seus hombros a responsabilidade de direcção superior e a obrigação inaddiavel de lhes proporcionar a maxima segurança individual na ordem e importancia dos diversos labores, pagando religiosamente conforme os contratos e concedendo o tempo conveniente de descanço ou folga de que carecem os corpos.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO

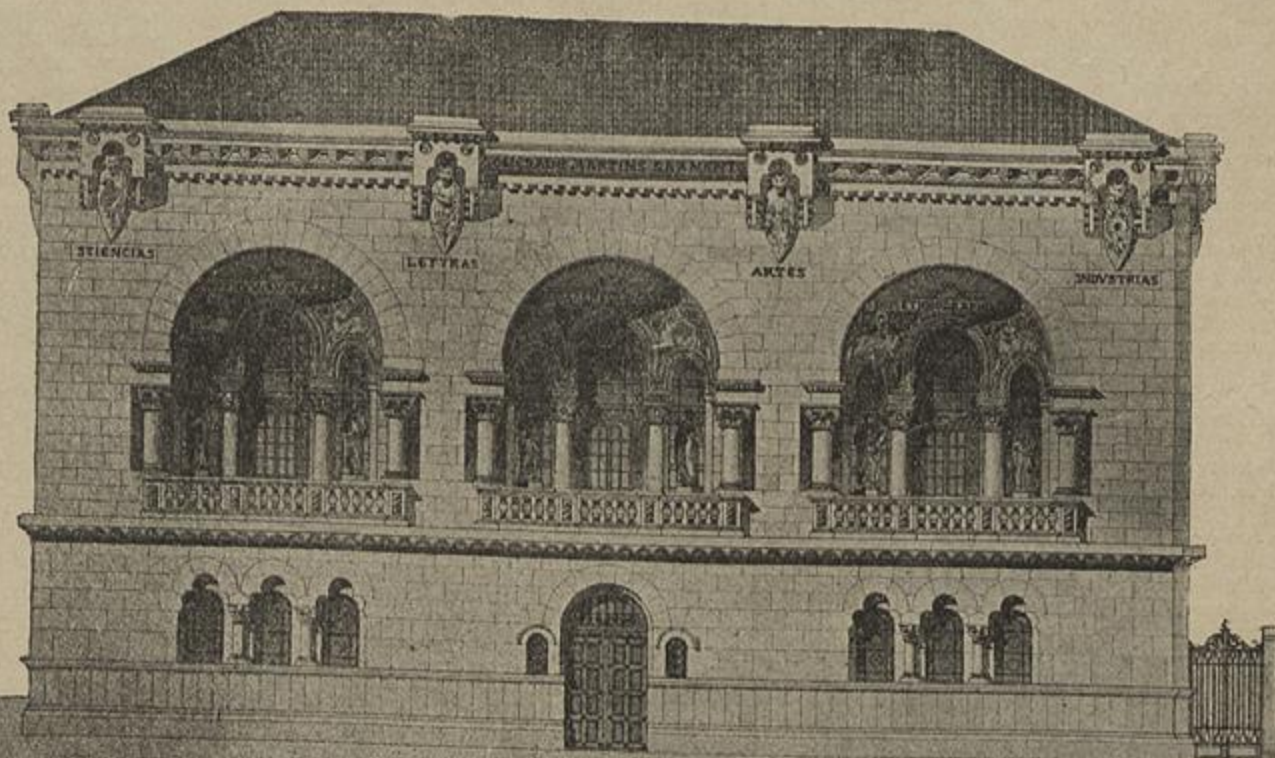
Quando todos se compenetram bem d'este papel de equidade e de justiça, vê-se reinar a confiança mutua, a alegria, a verdadeira fraternidade recommendada por Jesus Christo dos braços de sua cruz.

Não é pela força que devem intervir os governos; é incutindo principios de razão e encaminhando á sua pacificação decisiva os conflictos levantados.

Para attingir este fim nobre e legitimo, convem regulamentar o trabalho, estabelecendo principios geraes formulados em harmonia com as necessidades e tendencias da epoca, e oppondo principalmente aos recalcitrantes e grevistas insensatos a logica da verdade e a força do bom senso.

Pedir aos patrões mais humanidade e ao governo a protecção compativel com os principios da justiça e os direitos de cada um, é santo desejo de quem trabalha, aspiração nobre de espiritos rectos, satisfação plena de toda a consciencia honesta.

Que operarios de qualquer categoria e profissão nomeiem commissões incumbidas de pugnar pelos seus legitimos interesses, se associem em classes com escolas nocturnas, fundem cooperativas, angariem meios para a construcção de casas baratas, tudo isto e absolutameate regular e merecedor de sympathias geraes.

Que entre os proprios operarios se arvorassem alguns, mais dedicados ao bem do proximo, em verdadeiros mentores, tornando clarissima a todos a miseria organica e moral que deriva da frequencia das tabernas, tal procedimento seria a demonstração mais cabal de que ha homens profundamente inspirados por sentimentos altruistas, capazes de emprehender alguma coisa util e generosamente redemptôra.

PROJECTO DO NOVO EDIFICIO DA SOCIEDADE «MARTINS SARMENTO»

O Real Theatro de S. Carlos

NADINE BULLICIOFF

DELFINO MENOTTI

MARIA JUDICÉ DA COSTA

Individuos ainda hontem ignorados, crivados de dividas, quasi desde o berço polluidos de velhecaria e inimigos de quanto seja lealdade, enthusiastas sim de scenas de prestidigitação e de dinheiro na bolsa angariado pelo suor alheio bem como de banquetes ruidosos em que ninguem inquira de suas identidades, individuos d'esta raça oram ahi diariamente ás turbas illudidas, que não reparam que é só de si proprios que elles se occupam, embora em seus discursos confusos e palavrosos appareça á mistura qualquer phrase suggestiva e agradavel á multidão.

Poderia citar factos e designar nomes que comprovassem as minhas affirmações; não é, porém, meu costume aggredir directamente quem não me offendeu, e só o faria caso o conhecimento intimo das pessoas me habilitasse a um juizo seguro que fosse forçado a dar á publicidade.

Acredito, todavia. que não serão taxadas de exagero ou de menos verdadeiras as palavras que aqui ficam a respeito dos operarios, e que, quem de boa fé meditar um pouco sobre o ponderoso assumpto, reprovará sem vacillar o procedimento dos que intentam por meios indignos impôr-se á aura popular.

Que operario, por mais moderado que elle fosse, consentia que um estranho penetrasse abruptamente em sua casa e dispuzesse a seu alvedrio das pessoas e dos moveis, retirando-se em boa paz?

Não é a palavra dos *hypnotisadores* farçantes, dirigida ás massas, que ha de alliviar de sua sorte mesquinha os desherdados da fortuna; a historia do mundo nunca patenteou no curso das idades nenhuma victoria do bem pela bocca d'um canalha: o mesmo seria que conceder louvores a Satanaz, aniquillando a acção divina, tão brilhante e axiomatica no conjuncto universal como nos reconditos da consciencia humana

Os Marat e quejandos de egual feitio, tantas vezes citados nos comicios aos operarios, não só não escapam á punição da justiça da terra e até ao punhal do assassino, mas pesa sobre a sua memoria accusação tremenda.

Se a submissão levada ao ponto de abdicar totalmente a liberdade é aviltante e degradante, a desobediencia a tudo reclama imperiosamente a severidade das leis e justifica mesmo o emprego da força.

Operarios! Só é vosso amigo quem vos aconselha a ordem e vos solicita para o seio da familia.

O modelo unico dos amigos da humanidade, Jesus Christo, procedeu assim.

D. Francisco de Noronha.

A MULA DO PAPA

POR

Alphonse Daudet

(Concluido do numero antecedente)

Tambem a mula tinha pouca vontade de rir... Agora, á hora do vinho, via chegar uns cinco ou seis meninos do côro, que logo se deitavam para cima da palha com os capuzes e as rendas; instantes depois, era um cheiro bom e quente de rebuçado e hervas aromaticas enchendo toda a cavallariça, e chegava o Tistet Védène trazendo com todo o cuidado a tijela de vinho á franceza. Principiava então o martyrio do animal.

Aquelle vinho perfumado de que tanto gostava, que o aquecia por dentro, que lhe dava azas, traziam-lh'o cruelmente até á mangedoira, davam-lh'o a cheirar, mas logo que as ventas se arregalavam... viste-lo! O lindo licor de chamma côr de rosa era todo para

as goelas d'aquelles patifes... E se com roubar-lhe o vinho se contentassem; mas eram verdadeiros diabos os meninos depois de beber!... Um puxava-lhe pelas orelhas, o outro pelo rabo; o Quiquet montava-a, o Béluguet punha-lhe o solidéo na cabeça, e nenhum d'elles se lembrava que com um simples altear de garupa ou com um par de coices podia a valente cavalgadura mandal os todos até á estrella do norte ou mais longe até... Não senhores. Para alguma coisa serve ser-se mula do papa, a mula das benções e das indulgencias. Fizéssem-lhe o que lhe fizessem, com os rapazes não se zangava; só o Tistet Védène é que o tinha atravessado. Esse, quando o sentia por detraz, comia-lhe o casco, e francamente, tinha razão. O patife do Tistet sempre lhe armava cada uma, inventava cada coisa em estando bebido!...

Pois não se lembrou, um dia, de a obrigar a subir até á torre dos sinos, até lá acima, mesmo lá acima, na pontinha do palacio?... E isto não é historia, viram-o duzentos mil provençaes. Imaginem o susto da desgraçada mula, quando depois de ter andado á roda, ás cegas, n'uma escada de caracol e trepado não sei quantos degraus, se achou de repente n'uma plata-fórma, onde a luz encandeava, e a mil pés cá em baixo viu todo um fantastico Avinhão, as barracas do mercado do tamanho de avelãs, os soldados do papa defronte do quartel como formigas encarnadas, e, lá muito longe, sobre um fio de prata, uma pontesinha microscopica, em que tudo era dançar, dançar... Pobre animal! que terror panico!... Deu um tal grito, que todas as vidraças do palacio estremeceram!

«O que é? que lhe fizeram?... exclamou o excellente papa correndo á janella.

O Tistet Védène já estava no pateo, a fingir que chorava, a arrancar os cabellos: — «Ah! grande padre santo, que ha de ser!.. Foi a mula que... Meu Deus! que ha de ser de nós?... Foi a mula que trepou para a torre dos sinos!

— Sósinha?!

— Sim, santo padre, sósinha!.. Olhe, olhe lá para cima... Não lhe avista a pontinha das orelhas?.. Parecem duas andorinhas!

— Misericordia! exclamou o pobre papa erguendo os olhos. Endoideceria ella? E' capaz de se escangalhar!.. Já cá para baixo, desgraçada!

Isso sim! Isso queria ella; mas por onde? Pela escada, nem pensar n'isso; subir ainda vai: mas descer uma coisa d'aquellas era quebrar as pernas cem vezes... E a mula coitada, toda ella era affligir-se, ás voltas pela platafórma, com os olhos muito abertos ja cheios de vertigem, e a pensar no Tistet Védène:

— Deixa, ladrão, que se d'esta escapo... que bello coice ámanhã de manhã!

A idéa do coice é que lhe dava alento ás pernas, que senão nem ter-se n'ellas podia. Por fim lá conseguiram tiral-a; mas que trabalhão! Foi preciso macaco, cordas, padiola. E que vergonha para a mula d'um papa ver-se assim pendurada, de patas no ar a darem, a darem, como um escaravelho preso a uma linha! E Avinhão em peso a olhar para ella!

Toda a noite a desgraçada não pregou olho. Parecia-lhe sempre estar na maldita plataforma, a andar á roda, com toda a gente a rir-se cá em baixo. Depois lembrava-se do infame Tistet-Védène e do lindo coice que lhe havia de atirar no dia seguinte de manhã. Ah! meus amigos, que lindo coice! Até de Pamplona se lhe havia de ver o fumo.. Ora, emquanto na cavallariça lhe preparavam esta linda recepção, sabem por onde andava o Tistet Védène? Ia descendo o Rhodano, cantando n'uma galera papal, caminho da côrte de Napoles com o rancho dos moços fidalgos que todos os annos a cidade enviava junto da rainha Joanna para aprenderem diplomacia e boas maneiras. Tistet não era nobre; mas o papa queria premial-o pelos cuidados que a mula lhe havia merecido, e muito principalmente pela actividade que desenvolvera para seu salvamento.

A mula é que no dia seguinte ficou passada! «Ah! malandrim, que d'alguma coisa desconfiaste! pensava, sacudindo com furia os guisos...; mas deixa estar, malvado, quando voltares cá o has de achar, o teu coice... cá te fica de reserva!» E de reserva ficou.

Depois que o Tistet se foi, a mula do papa voltou á vida socegada e ao andamento dos outros tempos. Já na cavallariça não havia Quiquets nem Béluguets. Os dias formosos de vinho á franceza voltaram e com elles o bom humor, as compridas séstas, e o passinho da gavota ao passar na ponte de Avignon. Entretanto, desde aquella aventura, mostravam-lhe na cidade certa frieza. Cochichavam quando ella passava; os velhos meneavam as cabeças; os garotos riam apontando para a torre dos sinos. Tambem ao bom papa a querida mula já não inspirava a antiga confiança e quando, no dorso d'ella, se ainda se entregava a uma sonecasinha, ao domingo, ao voltar da vinha, era sempre com certa reserva: «Não vá eu acordar na torre dos sinos!» A mula via aquillo tudo e doia-se, sem dizer palavra; só, quando alguem falava do Tistet Védène deante d'ella, é que as grandes orelhas lhe estremeciam, e então, com um risinho, amolava na calçada as ferraduras...

Assim correram sete annos, ao cabo dos quaes Tistet Vedène voltou da côrte de Napoles. Não terminára ainda o tempo, mas tendo ouvido dizer que em Avinhão morrera de repente o primeiro mostardeiro do papa, como o logar lhe parecera bom, chegára a toda a pressa para tambem concorrer.

Quando o patife do Védène entrou na sala do paço, o padre santo custou-lhe a conhecel-o, tão crescido voltava e feito um homem. Forçoso é accrescentar que o santo papa tambem por seu lado envelhecêra e já pouco via sem cangalhas.

O Tistet não se acanhou.

—«Então o grande Padre Santo já me não conhece?... Sou eu, o Tistet Védène.»

— Védène?

— Então já se não lembra?... O que levava o vinho francez á sua mula.

— Ah! sim... sim... perfeitamente... Um bom rapazinho... Tistet Védène... E então o que é que elle nos quer?

— Coisa pouca, grande Padre Santo. Vinha pedir lhe... E a proposito... Ainda tem a mulinha?... E como vae ella?... Ora ainda bem, ainda bem!... Vinha pedir-lhe o logar do primeiro mostardeiro que ha pouco falleceu.

— Tu! Primeiro mostardeiro!... Tão novo! Que edade tens tu?

— Vinte annos e dois mezes, illustre pontifice, cinco annos certos mais que a mula... Ai, Senhor, Senhor! que lindo animal! Se soubesse o que eu gostava d'ella, as saudades que padeci lá na Italia!... Dar-me-ha o gosto de m'a deixar ver?

— Sim, meu rapaz, has de vel-a, disse o bom papa todo commovido. E já que tanto gostas d'ella, não quero que d'ella te afastes. D'hoje em deante, farás parte da minha casa como primeiro mostardeiro... Os cardeaes hão de guinchar, mas deixal-o; já estou costumado. A'manhã vem ter comnosco depois de vesperas, havemos de entregar-te as insignias do teu gráo em presença do capitulo; depois... levo-te a ver a mula e virás com nós ambos á vinha. Eh! Eh!... Vae... vae...

Se ao sair da grande sala, já Tistet Védène ia contente, desnecessario é dizer-lhes com que impaciencia esperou a cerimonia do dia seguinte. Mas no palacio alguem havia mais feliz e impaciente do que elle: era a mula. Desde a volta do Védène até ás vesperas do dia seguinte, a terrivel cavalgadura não fez senão atuchar-se em cevada e atirar á parede com as ferraduras de traz. Tambem queria preparar-se para a cerimonia.

Ora, no dia seguinte, acabadas as vesperas, Tistet Védène fez sua entrada no pateo do paço papal. Todo o alto clero lá estava, os cardeaes com suas batinas vermelhas, o advogado do diabo vestido de velludo preto, os abbades dos conventos com as suas mitrasinhas, os fabriqueiros de Santo Agrico, os capuzes roxos da capella, e o baixo clero tambem, os soldados do papa de grande uniforme, as tres confrarias de penitentes, os eremitas do Monte Ventour com suas caras de poucos amigos e o menino que vae tocando a campainha atraz d'elles, os irmãos flagelantes nus até á cintura, os sacristães com togas de juizes, todos, todos, e até o que offerece a agua benta, e o que accende, e o que apaga... ali não faltava ninguem... Que bella ordenação! Sinos, bombas, sol, musica, e sempre os damnados tambores que acompanhavam as danças, longe, lá em baixo, na ponte de Avinhão.

Quando o Védène appareceu no meio da assembléa, com sua boa presença e lindo ar, correu um murmurio de admiração. Era um soberbo provençal, mas dos loiros, com uma bella cabelleira encaracolada nas pontas e uma barbinha rala que parecia ter sido feita com as aparas do fino metal cahidas do buril de seu pae, o esculptor d'oiro. Dizia-se que com essa barba tão fina tinham brincado os dedos da rainha Joanna; o senhor de Védène tinha effectivamente aquelle ar glorioso e olhar distrahido dos homens que as rainhas amaram. N'esse dia, para honrar a sua terra, trocára o fato napolitano por um gibão agaloado de côr de rosa ao modo provençal, e sobre o carapuço tremia-lhe uma grande pena de ibis de Camarga.

Mal deu entrada, o primeiro mostardeiro cumprimentou todos com gentileza e dirigiu-se para o elevado patamar onde o papa o esperava para lhe remetter as insignias do grao: a colher de buxo amarello e o gibão côr de açafrão. A mula estava cá em baixo ao pé da escada, toda enfeitada e prompta para partir para a vinha. Quando passou junto d'ella, Tistet Védène sorriu-se com bondade e parou para lhe dar duas ou tres palmadinhas amigas na garupa, olhando de soslaio para ver se o papa reparava. A posição era boa... A mula poz-se a geito. «Ora toma, patife, ha sete annos que t'o reservava!» E atirou-lhe um tão terrivel coice, tão terrivel, que até de Pamplone se lhe viu o fumo, um remoinho de fumo loiro em que voava uma penna d'ibis; quanto restava do desfortunoso Tistet Védène.

Os coices das mulas não são em geral tão fulminantes; mas aqui trata-se d'uma mula do papa; e depois, lembrem-se, sete annos o teve de reserva... Não ha outro exemplo assim de rancor ecclesiastico.

SCIENCIA MODERNA

MARTE É HABITADO?

Esta questão tem sido, ultimamente, objecto de de grandes discussões.

Affirma o conhecido astronomo americano Douglass ter observado, n'este planeta, umas projecções luminosas durante cerca de uma hora, concluindo d'este facto, a existencia da vida no referido planeta.

Nada, no emtanto, podemos asseverar a tal respeito. Já em 1890, Keeler presenceou identicas projecções, averiguando que estas se reproduziam em todas as opposições.

A que são devidos estes pontos brilhantes que Keeler observou?

Os astronomos explicam este facto pela presença de elevadas montanhas em Marte, cujo cume ainda se conserva illuminado pelo sol, emquanto o sopé se acha já na escuridão, facto analogo ao que já se tem presenceado no nosso satellite.

Muitos, porém, attribuem a existencia d'esses pontos brilhantes, a nuvens fluctuantes, na atmosphera do planeta.

O que é indiscutivel é que o phenomeno existe, mas a causa é que ainda não está averiguada. Qualquer das duas hypotheses é, porem, mais crivel do que o de querer attribuir-se a signaes feitos pelos habitantes de Marte aos da Terra, essas projecções luminosas. Mas repugnará admittir que os haja? E se assim fôr, que estes pretendam relacionar-se com os habitantes dos outros planetas? Decerto que não.

Dada a primeira hypothese, ou o desenvolvimento scientifico, litterario e artistico, em Marte, é superior ao da Terra, ou bem é inferior. Vejamos o que, em materia de sciencia astronomica, podemos concluir a esse respeito. Como facilmente se reconhece, este ponto, com difficuldade poderá ser discutido sem sahir um pouco do dominio da sciencia positiva; no emtanto, affastar-nos-hemos d'elle, o menos possivel.

Como é sabido, a terra tem soffrido evoluções, e a pouco e pouco, a vida foi tomando um desenvolvimento progressivo e continuo. O estado das sciencias, artes e lettras acha-se com effeito, n'um constante progresso o qual se vae accentuando com o tempo. Hoje, realmente presenceamos factos que os nossos avós nunca tiveram occasião de admirar, amanhã os nossos filhos verão outras tantas maravilhas que a nossa mente hoje não pode conceber. A serie dos inventos é illimitada. O que concluimos de tudo isto, é que a ideia de tempo se acha intimaente ligada á ideia de progresso. Se Marte, pois, existir ha mais tempo do que a Terra, é natural que as suas sciencias, artes e lettras estejam n'um estado de desenvolvimento superior ao d'esta.

Pela theoria de Laplace, parece que realmente Marte foi formado antes do nosso planeta, visto que este astronomo affirma que os planetas se deveriam ter constituido, na ordem inversa á sua distancia ao sol, os mais affastados em primeiro logar. Se juntarmos a isto tudo, o facto de Marte ser mais pequeno do que a Terra, e por conseguinte, deveria ter levado menos tempo a resfriar do que a terra, facilmente se poderá admittir que ahi a vida poderia ter feito a sua apparição primeiro do que na Terra.

No emtanto, a hypothese de Laplace é combatida por Faye, que é perfeitamente de opinião contraria. Diz Ligondès que Jupiter deve ser o mais antigo dos planetas, seguindo-se-lhe Urano-Saturno-Terra-Marte-Venus e Mercurio.

Mas com relação a Terra e Marte, suppõe elle, no emtanto, terem sido formados contemporaneamente, Attendendo. por conseguinte, ás dimensões continua ainda a probabilidade do appa-

recimento da vida, em Marte, primeiro do que na Terra.

Vejamos ainda a constituição de Marte e comparemol-a com a da Terra, a fim de podermos tirar algumas conclusões ácerca da antiguidade d'esse planeta em relação ao nosso.

Está provado que a quantidade de mares existente em Marte é muito diminuta. Umas manchas esverdeadas e sombrias que, em tempo foram tidas por verdadeiras correntes de agua, são hoje consideradas como terras humidas. Reconhecem-se, em Marte, tres especies de manchas: 1.º As manchas claras, que são consideradas como terra firme.— 2.º As manchas sombrias que se suppõe serem constituidas por terras humidas, como acima dissemos.— 3.º As manchas esverdeadas consideradas mares. Comparando a quantidade de agua, em Marte, com a da Terra, vê-se que n'aquelle planeta, ésta é em muito menor abundancia. Emquanto que na Terra a agua cobre tres quartas partes do globo, em Marte a agua apenas cobrirá a quarta parte, o que ainda attendendo ás dimensões relativas, significa uma porção minima de agua comparada com a porção de terra firme.

Sabemos tambem que muitos geologos admittem que na Terra, a agua e o oxigenio do ar, penetrando no interior da terra, vão oxydar, hydratar e formar saes com os metaes existentes nas camadas inferiores.

Lord Kelvin avança mesmo até admittir que, por este facto, uma epoca virá em que o vapor d'agua e o oxygenio desapparecerão por tal forma da terra, que a vida se ha de tornar impossivel. Admittindo como verdadeira a theoria, é mais uma prova da antiguidade do planeta.

Mas tudo isto são, unicamente, simples supposições, porque todos estes factos citados não estão de tal forma provados para que se possa concluir qualquer cousa sobre a probabilidade da vida em Marte.

Se até aqui, nada sabiamos, continuamos ainda, na mesma ignorancia. São mysterios da natureza que se não desvendam com essa facilidade!

Antonio A. O. Machado.

NECROLOGIA

O POETA CAMPOAMOR

Esgotou-se a luz que illuminava o espirito do poeta mais popular e querido, do ultimo seculo, da nação visinha.

Fulgurante talento já como poeta já como orador é a sua morte considerada de perda nacional em Hespanha.

Philosopho, observador, e lyrico apaixonado era o poeta popular por excellencia sabendo, na simplicidade dos seus versos, encerrar a grandeza d'um pensamento sublime, todo o arrebatamento d'uma paixão, todo o ideal d'um sonho mystico.

Quantos labios carminados das gentis filhas de Castella não balbuciaram trementes, dominadas, languidamente apaixonadas pelo poeta amoravel, as quadrasinhas simples cheias de verdade de sentimento e que em duas phrases encerravam toda a queixa d'um amor não correspondido ou a vehemencia d'uma paixão ardente.

Das *Doloras* e das *Humoradas* quantas quadras não se tornaram populares e as temos ouvido garganteadas ao som das *guitanas*, das filhas d'Andaluzia.

E no emtanto toda essa popularidade, todo o amor e respeito d'uma nação que lhe queria, que repetia as suas palavras hora a hora minuto a minuto que o adorava como a um idolo da sua poesia não o preserveriou nem deffendeu da morte que ceifa talentos e homens mas que embora elle desappareça não desapparecerá o seu nome no grande livro d'aquelles a quem uma nação reconhecida presta o seu preito d'homenagem e admiração. Poeta d'envergadura e raça finou-se em Madrid em 12 de fevereiro, traduzindo toda a imprensa do visinho reino a magua e dôr d'um povo que vê desapparecer para sempre a mais pura e brilhante gloria litteraria hespanhola do seculo.

BENJAMIN HARRISSON

Nascido a 20 de agosto de 1833, em North Bend (Ohio), acaba de fallecer na idade de 68 annos, o ex-presidente da Republica dos Estados-Unidos da America, Benjamin Harrisson.

Tendo sido o 23.º presidente eleito, succedeu no governo ao seu antecessor Cleveland, tendo sobre elle nas eleições uma maioria de 35 votos.

Tendo-se formado em direito em 1853 contando apenas 20 annos de idade, estabeleceu-se no anno seguinte em Cincinnati como advogado, sendo eleito em 1860 pelo partido republicano relator do Supremo Tribunal da Indiana.

Breve se evidenciou entre os seus collegas, creando no entanto grande fama na guerra separatista, em que tomou parte, ganhando posto a posto o de general.

Terminada a guerra entrou activamente na politica, sustentando brilhantemente as candidaturas á presidencia, de Garfield e Cleveland.

Eleito successivamente, deputado e senador foi em 1888 que assumiu a presidencia da Republica Norte-Americana cargo do qual se desempenhou com elevado criterio devendo-lhe a grande republica serviços de incontestavel valia o que a breve trecho o popularisou e tornou querido.

Citaremos como factos capitaes do seu governo, a commemoração do Centenario de Washington, a annexação dos novos estados de Wyoming e Idaho e a votação em 1890 da celebre pauta proteccionista apresentada e elaborada pelo actual presidente Mac-Kinley.

Dotado de rara intelligencia apontam-se diversas notas curiosas da vida do illustre extincto que pertencia a uma sociedade de temperança, não bebendo coisa alguma espirituosa o que contrasta com o vicio de fumar que elle cultivava como um dos mais incorrigiveis fumadores.

Recebemos e agradecemos:

Ave-azul — Revista de arte e critica. Directores: D. Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos Vizeu. E' esta revista uma delicada publicação no qual os illustrados directores teem evidenciado as suas brilhantes faculdades de poetas e prosadores, que o são deveras. Os primeiros fasciculos da segunda serie da *Ave-azul* foram publicados em 25 de fevereiro de 1900.

O Zoophilo — Publicação mensal illustrada orgão das sociedades protectoras dos animaes em Portugal — 25.º — anno — N.º 1 Lisboa — Janeiro, 1901. Como se vê, acaba de entrar no seu vigesimo quinto anno esta interessante publicação, pelo que endereçamos ao seu director os nossos parabens e congratulações.

A Agricultura Contemporanea — revista mensal agricola e agronomica — Lisboa 1900. Com o seu n.º 12 do X anno encerrou-se o tomo decimo relativo a 1899-1900. Collaborada excellentemente por muitas das melhores pennas da especialidade. Desde a sua fundação em 1886 que a *Agricultura Contemporanea* tem visto augmentar o justo apreço que os entendidos lhe dedicam.

Correio Selecto — Supplemento scientifico, litterario, recreativo e bibliographico d'«O partidario» — Villa do Conde — 1900. Tendo começado em pequeno formato já ultimamente o augmentou este periodico, ajuntando ás suas diversas secções a de *folk-lore*, decerto uma das mais interessantes e que no nosso paiz ainda não está explorada sufficientemente. Nos numeros publicados acham-se recolhidos varios romances, canções e adagios populares que muito podem ajudar os estudos que posteriormente se fizeram sobre o assumpto.

Sombra e Luz — Revista mensal de letras, arte photographia e sport — Director proprietario Augusto Gama — Porto — 1900. E' sem duvida uma das bellas revistas que no genero, e até fóra d'elle, entre nós se tem publicado, concorrendo n'ella a par a selecção dos assumptos, a distincta collaboração litteraria, e a perfeição das illustrações, formando um conjuncto magnifico a que dá subido realce o primor da edição na sua parte material.

A Esperança — Revista colonial, popular, encyclopedica — Anno I — Braga — 1901. Impressa em Braga constitue esta revista um supplemento mensal do *Almanach Luso-Africano*, e apresenta-se como publicação cabo verdiana, dedicada á mocidade colonial, sendo seus redactores n'aquella cidade do continente o rev. conego A. J. d'Oliveira Bouças, e em S. Nicolau de Cabo Verde o rev. conego A. M. da Costa Teixeira, illustrados sacerdotes que se impuzeram a tão proveitosa publicação, e oxalá ella progrida como é para desejar, derramando no ultramar a boa e sã leitura, educando o espirito e aprimorando o bom gosto dos portuguezes d'alem-mar.

Passatempo — Revista quinzenal illustrada — Lisboa — 1900. Eis um novo periodico litterario e artistico que se deve á iniciativa da secção de publicidade dos *Armazens Grandella*, d'esta cidade. «Não causam damno as muzas aos doutores» disse o nosso Antonio Ferreira; porque não tratará de litteratura um estabelecimento mercantil e industrial? A prova de que o pode fazer e com pleno exito está nos numeros já publicados da graciosa revista, a que desejamos longa vida.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — Redactor-Proprietario: João Achilles Ripamonti — Lisboa — 1900. Não tarda a completar doze annos de publicação esta revista agricola, uma das mais apreciadas na sua especialidade. O acolhimento assaz lisongeiro com que tem sido distinguida pelo publico e pelas entidades officiaes são sobremodo justificados, e abonam a competencia do seu digno redactor-proprietario.

A Parodia — Caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro e M. Gustavo Bordallo Pinheiro — Lisboa — 1900 Já entrou no seu segundo anno de publicação este espirituoso e engraçado semanario, illustrado pelos lapis prestigiosos dos notaveis caricaturistas Raphael Bordallo Pinheiro e seu filho Manoel. O anno decorrido forma um volume interessante, de leitura divertida e de illustrações admiraveis pela originalidade da idéa pela sua propriedade, e fina critica dos acontecimentos. O primeiro volume da *Parodia* é pois um digno successor dos celebres periodicos satyricos *O Antonio Maria* e *Pontos nos ii*, e n'elles se affirmá, e confirma, se tal ainda fosse necessario, o grande talento dos dois caricaturistas.

Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra — Coimbra — 1901. Começou ha pouco a publicação d'este hebdomadario destinado a dar periodicamente uma nota exacta de todas as publicações, quer nacionaes quer extrangeiras, que entrarem na bibliotheca d'aquelle estabelecimento scientifico. A par d'este registo o *Archivo* irá publicando o *Catalogo dos manuscriptos*, de que apenas existe um esboço incompleto e imperfeito, e reproduzirá um outro *inedito* de reconhecido valor, publicação está que muito se impõe pelo inevitavel deterioramento de certos manuscriptos. Foi pois uma boa idéa a da fundação d'esta revista, e por ella louvamos o digno director da bibliotheca universitaria.

Revista Industrial de Couros e Pelles — Sapataria — Luvaria — Sellaria e Correaria — Lisboa — 1900 — Com a collaboração de profissionaes das varias industrias é esta revista destinada a Portugal, colonias e Brazil, ignorando nós se já terminou a sua publicação, pois que ha tempo que a não recebemos.

Revista Madeirense — Publicação dos domingos para litteratura, commercio, agricultura e industria — Director e proprietario Jayme de Campos Ramalho — Funchal — 1900. Para propaganda e vulgarisação de conhecimentos uteis se começou a publicar na ilha da Madeira esta interessante revista, que conta grande numero de collaboradores, e se apresenta com selecta escolha de assumptos.

Gazeta dos Caminhos de Ferro — Lisboa — 1901. Entrou no seu decimo quarto anno de publicação este magnifico periodico ferro-viario, dirigido pelo nosso estimado collega sr. L. de Mendonça e Costa, que não cessa de o elevar, apresentando uma das publicações mais completas se publicam sobre o assumpto. A *Gazeta* contém uma parte official que lhe dá muito valor, e dispõe de valiosos elementos de redacção e consultada, sendo redigida por dois proficientes escriptores o sr. engenheiro C. Xavier Cordeiro e o sr. J. de Oliveira Simões, o que dá solida garantia a quem consultar o ultimo periodico.

Os Pontos — Semanario de caricaturas — Proprietario J. Alberto de Sousa — Porto — 1901. Encetou o seu sexto anno de publicação este apreciado semanario humoristico portuense, graciosamente illustrado pelo lapis de Nogueira, e collaborado por espirituosos escriptores.

A Chronica — Revista illustrada e litteraria — Director Luiz da Silva — Lisboa 1901. Já se encontra no segundo anno de publicação esta revista que pela sua variada e selecta collaboração litteraria, quasi sempre inedita, tem sabido conquistar, um logar muito distincto entre as suas congeneres.

A Aurora do Cavado — Director Rodrigo Velloso — Lisboa — 1901.

Este antigo periodico bibliographico, que já conta 34 annos de existencia, entrou agora no segundo tomo da sua nova serie, merecendo sempre a sympathia de quantos moirejam nas letras pela sua boa critica que lhes dispensa e que muito tem contribuido para o geral conhecimento da bibliographia portugueza, de que fica sendo um copioso e interessantissimo repositorio. Nas suas columnas teem recebido o melhor incitamento grande numero dos nossos escriptores, e isto constitue porventura o mais bello elogio que se possa fazer da *Aurora do Cavado*.

O Futuro dos povos catholicos por *Emilio de Laveleye e traduzido do francez pelo dr. Miguel Vieira Ferreira — Quinta edição prefaciada e annotada — Livrarias Evangelicas* — Porto 1900.

Não devendo deixar de aqui noticiar, como indistinctamente o fazemos, qualquer publicação com que nos honrem os seus auctores ou editores, é comtudo com uma certa reluctancia que nos referimos ao presente opusculo de Emilio Laveleye contra a religião catholica, porque em verdade não lhe faltam qualidades de persuação e porque da sua leitura devem fugir todos aquelles em quem a firmeza das convicções não estiver á prova a que ella a sujeita.

Felizmente para nós já não vos convertem libellos d'este genero, porque uma certa experiencia amadurecida nos inhibe e acautella.

Prevenidos assim os leitores em cujo espirito impressionavel possa causar abalo a doutrina espalhada com esta edição pela Mocidade Protestante Portugueza, aqui fica a noticia devida, mas de envolta com o avizo.

Encyclopedia Portugueza illustrada. — *Diccionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, e com a collaboração effectiva de grande numero de homens de sciencia e litteratos portuguezes. — Lemos & C.ª Successor. — Largo de S. Domingos, 63-1.º — Porto.*

Com a maxima regularidade temos continuado a receber este magnifico diccionario que vae já no seu fasciculo. — *N.º 102 (47 do 2.º volume)* al cançando ao vocabulo *Cervos.*

Tão monumental obra, tão util e necessaria, deve merecer o maior apreço, porque é selecta e proficientemente redigida, por sabios especialistas e litteratos eruditos, que, sob a esclarecida direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, n'ella collaboram permanentemente.

Aos leitores indicamos que esta notavel encyclopedia se continúa a assignar em todas as livrarias e no escriptorio da empreza editora. Em Lisboa são correspondentes os srs. Belem & C.ª.

Folhetos para o povo. — *N.º 3 e 4. — Lisboa, 1 vol.*

Não recebemos os dois primeiros folhetos, tendo apenas presente o do *Remedio contra a usura* e o das *Loas á cidade de Bragança*, uns escriptos interessantes, principalmente o primeiro, que deve ser lido e meditado não só pelos habitantes de Mogadouro a quem o seu auctor o sr. dr. Trindade Coelho, o dedica, mas pelos de todo o paiz, pois contem uma serie de conselhos para a fundação de pequenas caixas economicas, mostrando quanto ellas ajudam os pobres nas suas necessidades, e incutindo a previdencia, espalhando o espirito da economia, que, em verdade, tanto falta ao operario portuguez. E apresenta tal persuasão, tão suggestivas minucias, que só lamentamos que tão boa doutrina não possa vir a ser devidamente generalisada porque... aquelles para quem foi publicada não sabem ler. Improficuos na sua maxima parte se tornam, pois, os louvaveis esforços do auctor, pelo menos emquanto os analphabetos forem em tão grande numero.

As *Loas á cidade de Bragança* teem por fim incutir no espirito dos eleitores d'aquelle circulo a idéa, civica e patriotica, de que não devem entregar a representação d'elle em cortes senão a filhos da mesma terra, contrario do que tem succedido nos ultimos tempos. As lôas estão escriptos com o sabor do verso popular, que o auctor — que, — descessario seria declaral-o, e o mesmo sr. dr. Trindade Coelho, imitou com muita felicidade. A ultima quadra que, como todas as outras verbera a preeminencia politica alcançada por Villa Real, diz assim:

«Defende a tua cidade
«Põe-te em guarda, povo forte!
«Não te passe a villa adeante,
«Nem na vida nem na morte!»

CAMPOAMOR

FALLECIDO EM 12 DE FEVEREIRO DE 1901

Diccionario das Seis Linguas — *Editado pela Empreza do* OCCIDENTE — *Lisboa.*

Já se encontra bastante adiantado o importante diccionario linguistico que a Empreza do OCCIDENTE, sob o titulo de *Diccionario das Seis Linguas*, está publicando, e que constitue um verdadeiro modelo no seu genero. Os ultimos fasciculos em distribuição alcançam ao n.º 73, e cada vez mais se affirma o lisongeiro apreço que tão engenhoso e util trabalho logrou despertar tanto no nosso paiz como fóra d'elle.

Elaborado por uma fórma completamente original, o *Diccionario das Seis Linguas* torna-se tão indispensavel a qualquer pessoa que apenas conheça a sua lingua como ás mais opulentas bibliothecas, porquanto pela sua consulta, facil e clara se obtem plena satisfação a qualquer duvida linguistica tanto da propria lingua como das outras cinco extrangeiras. Esta economia de espaço e de tempo seria porventura um dos melhores titulos por que se devesse recommendar a obra se muitos outros não possuisse. Nem sempre é facil adquirir, e com a necessaria selecção, os jogos de diccionarios que o *Diccionario das Seis Linguas* substitue perfeitamente com a grande vantagem da extrema modicidade do preço de 40 réis cada fasciculo de 16 paginas de composição cheia e impressão nitida e legivel, de modo a formar um unico volume, commodo e manuseavel.

O diccionario abrange as seguintes linguas: francez, inglez, portuguez, allemão, italiano e hespanhol e divide-se em tres partes. A primeira trata das diversas pronunciações das seis linguas com relação a cada uma d'ellas. A segunda é o vocabulario geral, por assim dizer o corpo do diccionario. A terceira é o indice rigorosamente alphabetico de todas as palavras das seis linguas e seguidas da respectiva traducção na lingua que se tomou para base do texto geral. Tem-se assim a chave do diccionario; permittindo a busca rapida do termo de que se quizer conhecer a traducção ou a significação, que são dadas com toda a propriedade e definidas com o maior rigor da sciencia moderna.

A pedido de grande numero de assignantes, aos quaes a lingua franceza, tomada pela base do vocabulario geral, é bastante accessivel, tratou a empreza editora de publicar de preferencia a segunda parte da obra, o texto propriamente dito do diccionario; d'ahi resulta a notavel circumstancia de que achando-se ainda em via de publicação as outras duas restantes, o *Diccionario das Seis Linguas* e já de incontestavel utilidade para quem o possue.

Todas as semanas se publica regularmente um fasciculo de 16 paginas e dentro em pouco tempo a obra deverá estar completa.

A Policia *por D. Francisco de Mello e Noronha — Lisboa, 1901.*

Offerecendo e dedicando esta sua *separata* ao altual ministro do reino, sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, declara o auctor, o nosso illustrado amigo e collega sr. D. Francisco de Mello e Noronha, o seguinte, que dá perfeita idéa das suas nobilissimas intenções, merecedoras de incondicional applauso:

«... escolhi o meu estudo *A Policia* (assumpto de importancia moral pratica) para objecto da mesma *separata* porque entendo que a primeira obrigação de homem que ama o seu paiz e a quem Deus em sua infinita bondade concedeu alguma luz intelectual e faculdades de trabalho, é não limitar apenas o rendimento a platonismo simples e pôr aquella e estas ao serviço da patria.»

No folheto reproduz o sr. D. Francisco de Noronha um seu anterior estudo, que em tempo publicou no *Correio Nacional* sobre a policia. N'elle analysa judiciosamente os regimentos que deve ter uma boa corporação policial e faz observações muito justas, que todos quantos se interessem pelas coisas d'administração, especialmente no que respeita á ordem publica e á segurança dos cidadãos, não devem deixar de ler e meditar com attenção.

Catalogo geral *de impressos em deposito, offerecido pela Casa Minerva ás repartições publicas do reino e ilhas — VIII edição — Coimbra — Janeiro de 1901.*

O infatigavel proprietario da bem conceituada *Casa Minerva* de Coimbra, sr. José Monteiro Pinto Ramos, publicou ha pouco uma nova edição do seu catalogo geral de impressos para uso das repartições publicas e de diversos objectos de papelaria, escriptorio, imprensa, etc., e dos vinhos do Porto e chás, que se encontram á venda no mesmo estabelecimento.

BENJAMIN HARRISSON

FALLECIDO NO DIA 14 DO CORRENTE